



Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso

Atheist Fundamentalism against Religious Fundamentalism

Scott Randall Paine*

Resumo

O fundamentalismo é um fenômeno relativamente recente, pelo menos como posição articulada e autoconsciente. O presente artigo apresenta, de início, uma reflexão sobre o surgimento do termo fundamentalismo, em breve resgate histórico. A seguir, identifica e analisa as características principais dessa atitude, tanto na sua configuração psicológica (subjetivismo fechado), como na sua teoria epistemológica implícita (fideísmo radical, fé ou submissão a uma autoridade religiosa como fonte exclusiva ou predominante de certeza epistemológica), na sua hermenêutica (liberalismo na interpretação de escrituras) e na sua maneira de priorizar um ativismo radical, na perspectiva pragmática (tendência a medidas radicais, à militância e até ao terrorismo no prosseguimento efetivo dos seus fins). Aplicando essa análise, mostra que os debates atuais entre cristãos e “neoateus” parecem frequentemente fundamentalistas, mas não apenas do lado religioso da disputa. Talvez o nome de fundamentalista possa ser reivindicado por alguns que ficariam bem surpresos pela nova titulação. A última parte do artigo discute a religião “usada” e “abusada”.

Palavras-chave: Ateísmo; Fundamentalismo; Filosofia da religião.

Abstract

Fundamentalism is a relatively recent phenomenon, at least as an articulated and self-conscious position. The present article begins by reflecting on the origin of the term fundamentalism in a brief historical review. Then the principal characteristics of this attitude are identified and analyzed, both in its psychological configuration (a closed subjectivity), as well as in its implicit epistemological theory (radical fideism, faith or submission to a religious authority as exclusive or predominant source of epistemological certitude), its hermeneutics (literalism in the interpretation of scriptures) and its manner of prioritizing radical activism in its pragmatic perspective (tendency to radical means, to militancy and even terrorism in the effective persecution of its ends). Applying this analysis, current debates between Christians and "neo-atheists" appear frequently fundamentalist, but not only on the religious side of the dispute. Perhaps the name fundamentalist can be claimed even by some who would be quite surprised by the new christening. The last part of the article discusses "used" and "abused" religion.

Key words: Atheism; fundamentalism; philosophy of religion

Artigo recebido em 31 de agosto de 2010 e aprovado em 30 de setembro de 2010.

* Graduação em Classical Antiquities (Latim e Literatura Latina) pela Universidade de Kansas, EUA (1974), graduações em Filosofia e Teologia, mestrado (1982) e doutorado (1989) em Filosofia pela Universidade Pontifícia de Tomás de Aquino, em Roma. Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade de Brasília. E-mail: srpaine@gmail.com

“He who is unaware of his ignorance will only be misled by his knowledge.”

(Aquele que desconhece sua ignorância apenas será enganado pelo seu conhecimento.)

Richard Whately

Introdução

No ano de 1948, Bertrand Russell e o jesuíta Frederick Copleston participaram de um famoso debate sobre a existência de Deus.¹ Quem ouviu a gravação do debate ou leu o transcrito fica impressionado pelo grau de civilidade dos rivais e pelo alto nível de cultura e respeito mútuo com que foi conduzida a discussão. Nos recentes debates e livros escritos sobre o mesmo assunto, não encontramos sempre a mesma maturidade. Mas é comum ser classificada como “fundamentalista” apenas a atitude de interlocutores religiosos nesses debates, e não a de seus adversários ateus. Isso mostra não somente uma falta de conhecimento da história desse termo, mas também a ignorância da elegibilidade de muitos expoentes do ateísmo para a mesma vergonhosa denominação. De fato, em muitos desses debates, não assistimos a uma troca de ideias ou a uma conversação civilizada de um Russell e Copleston, mas antes a um prélio abarbarado entre King Kong e Godzilla.

Para remediar tal desequilíbrio, vou tentar responder a três grupos de perguntas: 1) O que é fundamentalismo nas suas origens e na sua fisionomia hoje? 2) A religião e o fundamentalismo necessariamente se implicam? Em outras palavras, constitui o fundamentalismo a natureza da religião, uma das suas propriedades imprescindíveis, ou antes, um abuso dessa natureza ou de uma dessas propriedades? 3) O ateísmo, o secularismo e a exposição de cosmovisões baseadas supostamente nos resultados da ciência moderna são necessariamente isentos de atitudes fundamentalistas?

¹ O debate poder ser lido ou ouvido facilmente na internet, como, por exemplo, no site: <http://www.bringyou.to/apologetics/p20.htm>

1 Surgimento do termo “fundamentalismo”

Na virada do século XX, há mais de cem anos, algumas décadas já tinham passado na notória guerra entre religião e razão, ou entre religião e ciência. Esses conflitos tinham começado já no século XVIII, na Grã-Bretanha, com o metodismo e, na América do Norte, com o “Great Awakening” e o revivalismo – ambas reações ao iluminismo e aos primeiros filósofos ateus mais conhecidos do séc. XVIII. Seguiram-se a uma dupla tentativa: primeiramente, a tentativa de porta-vozes das novas conquistas na área das ciências da natureza de tirar conclusões filosóficas e até teológicas (ou ateológicas) dessas conquistas, e de contextualizá-las dentro de cosmovisões que nem sempre provinham dos próprios achados científicos, e sim de agendas ideológicas alheias (marxismo, fascismo, darwinismo social, positivismo lógico etc.). A segunda tentativa veio da parte dos integrantes das religiões abraâmicas, em particular do cristianismo protestante, e visou defender as bases de fé e certeza religiosa através do uso de certas barreiras. Essas foram erigidas contra interpretações ateias ou antirreligiosas provindas do mundo da ciência ou da filosofia e cultura modernas (secularismo, historicismo, criticismo bíblico, evolucionismo), ou mesmo da própria teologia liberal protestante da época.

Um dos primeiros expoentes da atitude que iria ser batizada com o nome de fundamentalismo protestante foi Dwight Moody (1837-99), que deu origem ao costume de colocar Bíblias em todas as gavetas de mesa de cabeceira dos hotéis do mundo. Assim surgiram duas espécies de mal-entendido, que iam crescendo e se articulando à medida que a ignorância do outro lado da questão aumentava.

Já na Niagara Bible Conference (1878-97), parece ter sido usado o termo “fundamentalismo” pela primeira vez em referência aos elementos fundamentais da fé cristã. Em 1910, foi publicada uma obra de 12 volumes, com 94 ensaios, intitulada *The fundamentals: a testimony to the truth* (Os fundamentos: um testemunho à verdade), por Milton e Lyman Steward (STEWART, 2003), com o intuito de destilar a essência da fé bíblica e de mostrar as crenças de que o cristão não pode duvidar, como uma barreira de fé inquestionável servindo de baluarte aos desafios modernos. Enfim, a Igreja Presbiteriana, em sua assembleia geral de 1910, reduziu esses elementos aos “five fundamentals” (cinco

fundamentos): três artigos de fé sobre Jesus – 1) nascimento virginal; 2) ressurreição corpórea; 3) segunda vinda iminente; – e dois itens mais teóricos: 4) a redenção vicária; 5) a inerrância da Bíblia no sentido literalista. A Igreja Batista, em particular, abraçou a atitude subjacente a esses assim-chamados ‘fundamentos’.

A Igreja Católica também adotou novas medidas para enfrentar uma percebida ameaça da parte do cientificismo e de interpretações ateias da ciência, haja vista o famoso *Sílabo*, de Pio IX, de 1864, e o *Juramento contra o Modernismo*, de Pio X (este usado até 1967). Porém, assim como as igrejas mais *mainstream* entre os protestantes, nunca abraçou o termo “fundamentalismo” como caracterização adequada de sua postura. Apesar do *Sílabo* e do *Juramento*, e de correntes integralistas e tradicionalistas ainda presentes (normalmente hoje apenas em grupos pequenos e até cismáticos), a Igreja Católica adotou a posição de John Henry Newman, no seu livro *O desenvolvimento da doutrina cristã*, segundo o qual o depósito da fé não muda em sua essência, mas o entendimento que cultivamos dele evolui e se expande sim, por ser algo vivo e orgânico (NEWMAN, 1845). Essa mudança, não de crença, mas de perspectiva, na interpretação, na aplicação, juntamente com a avaliação mais positiva do papel da filosofia na obra teológica, isentou o catolicismo, grosso modo, da etiqueta de fundamentalista. É, aliás, significativo que os próprios fundamentalistas protestantes, por vezes, tenham criticado a Igreja Católica por esta não ser fundamentalista.

Ao longo do século XX, o termo fundamentalismo continuava sendo usado apenas dentro da comunidade protestante para designar certas correntes mais ligadas à interpretação literal da Bíblia e, frequentemente, a atitudes apocalípticas ou milenaristas. Às vezes, o termo “evangélico” foi usado como sinônimo, mas normalmente formaram-se distinções significativas entre grupos fundamentalistas e grupos evangélicos.² Porém, até o ano 1950, o verbete “fundamentalism” não figurava no *Oxford English Dictionary*, e “fundamentalist” apareceu apenas na edição de 1989 (OXFORD, 1989). Essa última inclusão, todavia, não era provocada por desenvolvimentos dentro do cristianismo, mas por acontecimentos políticos ligados a outra grande religião abraâmica: o Islã. Podemos

² Ver o site do Institute for the Study of American Evangelicals, de Wheaton University, sobre definições relevantes: <http://isae.wheaton.edu/defining-evangelicalism>

salientar dois eventos cruciais: o surgimento da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), em Israel, durante a Guerra dos Seis Dias de 1967, e a revolução islamita no Irã em 1979. Desde então, com polêmicas cada vez mais emocionadas sobre o perigo do terrorismo, a relevância de crenças religiosas ao surgimento do terrorismo tornou-se um novo foco de atenção e preocupação.

Essa primeira amplificação do termo fundamentalismo, além do campo cristão, para abranger também certas correntes do Islã, foi seguida ainda por inclusões de seitas menos tolerantes do budismo (como a *Nichiren*, no Japão³), de certos partidos políticos na Índia (the Bharatiya Janata Party, o BJP, por exemplo) que aderiram a uma versão mais rigorosa de hinduísmo (chamada de “*hindutva*”⁴) e, enfim, de qualquer tipo de ideologia que exibiu traços semelhantes de firmeza e inflexibilidade de suas convicções, bem como outras características que analisaremos daqui a pouco. Por isso, não causa estranheza que na terceira versão do dicionário Houaiss, de 2009, encontremos, depois do significado religioso já mencionando, também um segundo significado, sob a rubrica de “*derivação: por extensão de sentido*”: “qualquer corrente, movimento ou atitude, de cunho conservador e integrista, que enfatiza a obediência rigorosa e literal a um conjunto de princípios básicos; integrismo” (HOUAISS, 2009).

E, na língua inglesa, em *Merriam-Webster's Online Dictionary*, encontramos também um segundo sentido: *a movement or attitude stressing strict and literal adherence to a set of basic principles*, com os exemplos de: “*Islamic fundamentalism*”, “*political fundamentalism*” (MERRIAM, 2010).

Achei por bem fazer uma análise dessa espécie de “movimento ou atitude”, distinguir suas partes integrantes e depois ver em que medida o fundamentalismo reflete ou não, de um lado, a verdadeira natureza da religião, e de outro, representa um perigo para formulações de posições teóricas não religiosas, ou até antirreligiosas. Embora as religiões recebam, merecida ou imerecidamente, mais atenção em discussões sobre fundamentalismo, teremos que descobrir se a coisa, mesmo com outra denominação, já existia antes, e também se essa atitude, seja qual for o nome, é capaz de ser acolhida em

³ Ver www.nichiren-shu.org

⁴ Ver site de Veer Savarkar, expoente proeminente do *hindutva*: <http://www.savarkar.org/en/veer-savarkar>

outros ambientes além do religioso. Vamos tentar primeiramente identificar suas características típicas.

2 A anatomia do fundamentalismo

Parece que o fundamentalismo que presenciamos hoje sempre evidencia, em alguma medida, quatro traços típicos: um psicológico, um epistemológico, um hermenêutico e um pragmático. Resumindo:

Psicologicamente, quanto à atitude básica da mente:

1. *Subjetivismo fechado*: resistente à correção, não inclinado ao diálogo, à simpatia e até à empatia com pessoas de posições contrárias ou alheias.

Epistemologicamente, quanto às fontes de conhecimento:

2. *Fideísmo radical, fé ou submissão a uma autoridade religiosa como fonte exclusiva ou predominante de certeza epistemológica*: oposição ao enriquecimento pela filosofia e pelas ciências, à racionalidade, ao desenvolvimento crítico, e à possibilidade de uma dialética entre fé e razão.

Hermeneuticamente (ou exegeticamente), quanto à interpretação de seus dados fundamentais:

3. *Literalismo na interpretação de escrituras*: contra exegese mais discernente, interpretação, diferenciação de sentidos, complementação de perspectivas, reconhecimento do tamanho do ainda desconhecido.

Pragmaticamente (ou até politicamente), quanto às consequências das convicções na vida prática:

4. *Tendência a medidas radicais, à militância e até ao terrorismo na busca efetiva dos seus fins*: contra compromisso, suspensão de juízo, negociação, acomodação etc.

Agora analisaremos cada uma dessas características em relação à religião, e em seguida, ao próprio ateísmo.

α) *Subjetivismo fechado*

Hoje, existe a percepção comum de que a pessoa religiosa – estamos falando aqui sobretudo dos integrantes das tradições abraâmicas – é, essencialmente, seguidora de um tipo de certeza absoluta, de uma convicção inabalável e além de discussão. O ateu, ou o agnóstico, em contrapartida, situar-se-ia num patamar objetivo, aderindo a suas convicções apenas por meio de demonstração científica, programaticamente aberto à correção, caso novos dados ou mais adequadas teorias se apresentem. O neoateu talvez mais conhecido, Richard Dawkins, repete essa alegação em vários de seus livros e discursos, dizendo até que ele estaria pronto a acreditar na existência de Deus se, um dia, essa existência fosse cientificamente provada. O fiel religioso, porém, alega Dawkins, não pode manter uma abertura análoga no exercício da fé. O religioso é quem *crê* em certas coisas, é “crente” – ao passo que o homem científico duvida, avalia, pondera e chega a conclusões como a maior circunspeção e cuidado, e só após verificação ou falsificação (DAWKINS, 2007).⁵

Talvez possamos introduzir alguns esclarecimentos a respeito dessas duas atitudes. É claro que convicção religiosa e certeza científica são, no mínimo, espécies diferentes na captação humana de conhecimento. Mas a conclusão de Dawkins estende a competência de critérios científicos bem além de suas fronteiras legítimas, e assim, de antemão, desvirtua uma possível legitimidade da convicção religiosa. Primeiro, dizer que uma pessoa possui uma atitude mais flexível por estar disposta a aceitar a existência de Deus, se esta for cientificamente provada, é como dizer que ela poderia aceitar, um dia, a existência de átomos e partículas subatômicas, contanto que estes pudessem ser vistos com seu microscópio ótico. Se Deus é, por “definição”, imaterial, orgulhar-se de seu espírito iluminado e aberto por aceitar essa existência mediante provas por medidas materiais não passa de um grande mal-entendido da problemática.

Entretanto, uma segunda ressalva é ainda mais importante. O ato de fé, como entendido nas melhores exposições da teologia cristã, judia ou muçulmana, não é um fechar os olhos e gritar um “sim, eu creio!” contra toda evidência e contra todo convite de

⁵ Essa alegação Dawkins faz em seu livro famoso citado aqui, mas também nas suas numerosas palestras facilmente disponíveis *online*.

discussão e debate. Há, infelizmente, pessoas que o apresentam assim, com certeza, como há deformações e abusos em toda área de experiência humana (a isso voltaremos em seguida). Mas a natureza da fé abraâmica consiste muito mais na aceitação de testemunhos sobre fatos aceitos como ocorridos na história e baseia-se em um depósito de informações aceitas como transmitidas historicamente e testemunhadas por personagens confiáveis. E tal aceitação assume a forma de algo intelectual, não emocional: é um *assentimento*. Está no nível da maior parte das coisas que cada um de nós aceita como “verdadeiras”, apesar de não ter “visto”, nem científica e silogisticamente comprovado nenhuma delas. Meu exemplo favorito é o sistema solar, que todos nós aceitamos como mais verdadeiro do que o sol aparente que “nasce” e “se põe” todos os dias, embora ninguém jamais “tenha visto” o sistema solar – ele não é realmente visível, nem é possível fotografá-lo – e só os astrônomos, entre nós bem poucos, estejam em condições de seguir todo o desenvolvimento científico dos argumentos de Copérnico, Galileu e Kepler para poderem dizer que *sabem* cientificamente que é assim. Aceitamos a palavra deles e assentimos à verdade do sistema solar. E fazemos bem em aceitá-la. Aliás, isso acontece com a maioria dos nossos ‘saberes’.

Sem dúvida, existem ateus de inteligência e cultura que apresentam suas dúvidas com circunspeção e com uma apreciação diferenciada dos argumentos teístas. Mas os quatro ateus “confessionais” mais conhecidos atualmente, com certeza os *pop stars* do ateísmo, são Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris, cujas posições dão os contornos ao debate público hoje. Em uma conversa a quatro entre eles (o vídeo dessa conversa, em que eles apresentam as teses de seus livros de forma concisa, pode ser visto no *youtube*⁶), Dawkins admite que ele, apesar de ser biólogo profissional, não está em condições de saber *cientificamente* conclusões até comuns de outras ciências, como matemática ou física, e que, por consequência, tem que aceitar a palavra dos especialistas nessas áreas. Mas quanto a “acreditar” neles, como a pessoa religiosa o faz com suas crenças, ele alega que há uma grande diferença: os cientistas usam toda metodologia científica, e pessoas de fé, só a atitude de fé; por isso, só os cientistas têm crenças justificáveis, e os fiéis, não. Quem acredita nos cientistas, simplesmente por eles

⁶ O vídeo pode ser achado usando a frase “the four horsemen” no *youtube.com*.

serem cientistas, parece receber o direito de participar também das suas justificações trabalhosas, sem ter trabalhado; mas ao fiel religioso não é concedido esse direito, porque o recipiente de sua confiança não faz ciência.

Mas esse ateu tem a tendência de generalizar, de novo, a metodologia e o procedimento científicos como se eles se aplicassem, sem qualquer restrição, a todas as áreas de experiência humana. Há muitos domínios de testemunho que não são aqueles de cientistas entre si, em que também possuímos crenças com tranquilidade e tanta certeza quanto precisamos – que meus pais são meus pais, que esse prédio não vai desabar sobre nossas cabeças agora, que pessoas ainda vivem no outro lado da Terra, sem falar de convicções morais e até estéticas. Nesses casos, confiamos de uma maneira mais cotidiana na palavra dos nossos semelhantes, sem a qual seria praticamente impossível viver. E assim há critérios também para a confiabilidade de uma testemunha religiosa, e o fiel apoia-se nesses critérios. Só para dar um exemplo: se uma pessoa começa a crer em uma mensagem religiosa após assistir a um martírio cruel de alguém que preferiu sofrer tortura e até morrer antes de negar sua fé, isso é pelo menos um motivo bastante razoável para levar a sério a mensagem – é claro que o mártir não precisa de ser cientista para se acreditar nele. E quanto ao meu nascimento, o amor e carinho que meus pais demonstraram por mim tantos anos podem ser bons motivos para aceitar a palavra deles que sou, de fato, seu filho.

Aliás, deveria ser claro para todos nós, na experiência cotidiana, que a atitude mental de um subjetivismo fechado não é um perigo apenas para pessoas religiosas. E aqueles que se acham mais imunizados contra tal preconceito – como pretendem ser muitos cientistas e seus fãs – que acham que tudo seja avaliável apenas pelo papel de tornassol de ciência, podem ser tão presos em uma subjetividade imatura e fechada quanto a pessoa que se apega desesperadamente à sua religião como única e suprema certeza.

β) Fideísmo radical

O fideísmo é a posição que ensina que só uma fé, um assentimento exclusivo a uma autoridade que ensina certas coisas, pode ser fonte de certeza, e o uso da razão, filosofia, ciência, etc. deve ficar sempre sujeito a tal fé e até se curvar perante ela, caso haja conflito

entre ela e a razão. Já antecipamos parte da problemática quando falamos sobre a atitude subjetiva, que é, enfim, o lado interior do aspecto mais filosófico, a saber: de onde é que podemos tirar certeza em nossos conhecimentos? – uma questão agora não apenas psicológica, mas também epistemológica. Já salientamos o quanto todos nós dependemos de “atos de fé” em toda uma série de conhecimentos que tomamos como certos, apesar de eles não provirem nem da experiência direta nem da inferência lógica travada até o fim. Aqui vamos chamar atenção para algo que me parece ser um equívoco fundamental no entendimento ateu das religiões abraâmicas, pelo menos em seus expoentes já citados.

Muitas vezes ouvimos comentários ateus sobre o “Deus das lacunas”, uma expressão que sugere que no passado, quando a ciência ainda não havia alargado suficientemente o campo de seus dados, desenvolvido seus métodos e produzido seus instrumentos de trabalho em medida adequada, havia necessariamente lacunas no seu poder explicativo. O homem, porém, com sua sede de conhecimento e certeza, caiu na tentação de preencher, antecipadamente, essas lacunas com explicações mitológicas, sobrenaturais e místicas. Na maioria dos casos, a noção de Deus foi usada para encher as lacunas, completando o sistema prematuramente.

Com o progresso das ciências, contudo, as mesmas lacunas foram fechadas cientificamente, cada vez mais, e apesar de ainda existirem descontinuidades nas teorias científicas, temos toda razão em esperar que a ciência fará o que já fez, a saber, explicar o mundo científico e integralmente, e sem Deus.

O literalismo bíblico será discutido no próximo item, mas é preciso dizer aqui que esse literalismo na leitura da Bíblia, associado à expectativa de que a Sagrada Escritura forneceria dados científicos e até históricos segundo os critérios da ciência moderna e da pesquisa crítica moderna, faz com que o fundamentalismo religioso moderno se exponha sim à crítica baseada no “Deus das lacunas”. Todavia, à exceção desses poucos (fundamentalistas extremos) que insistem em tirar *toda* verdade da Bíblia, quando olhamos para a grande maioria dos cristãos (e, *mutatis mutandis*, o mesmo pode ser dito dos judeus), é difícil achar um fundamento sólido para a alegação de que os fiéis e seus teólogos tipicamente entenderam a Escritura, sobretudo, como fonte de *explicação*. Lembremos o livro de Job, um livro com lacunas intatas; lembremos Jesus na Cruz, um *porquê* articulado

que nem Deus responde. O argumento do “Deus das lacunas” acaba sendo relevante apenas para uma minoria de fundamentalistas modernos, que leem superficial e sentimentalmente um texto que a tradição cristã interpreta com incomparavelmente mais discernimento e abertura a uma multiplicidade de sentidos.

As religiões semíticas ou abraâmicas veem como foco de seu ato de fé não um grande “Deus das Explicações”. Sem dúvida, havia tentativas de harmonizar textos bíblicos com a ciência do dia – e seja dito de passagem, a ciência do dia de hoje vai certamente passar por abalos como sempre aconteceu no passado, quando geocentrismo, abiogênese, phlogistismo e outras “ortodoxias” científicas nasceram e morreram –, mas desafio alguém a produzir textos autênticos, que gozaram de um consenso teológico cristão, em que os Santos Padres, os Escolásticos, qualquer concílio ecumênico, qualquer papa, tenha apresentado a importância e o valor da Bíblia como constituídos também pela função de ser fonte de conhecimento sobre o universo físico, o movimento dos planetas, a constituição química das coisas, a biologia vegetal, animal ou humana, ou até sobre a história secular do mundo. Os poucos exemplos serão rapidamente revelados como marginais e até heterodoxos.

A fé dos integrantes dessas religiões – pouco importa se o leitor a vê como algo totalmente fantasiado ou baseado em realidades confiáveis – é uma fé em certos testemunhos concernente a eventos, a seu significado e às doutrinas ligadas a eles. Esses eventos, seja diretamente, seja através das testemunhas aceitas, são vistos como novos dados na experiência humana de cada qual que crê, algo que ele ou ela têm que integrar em sua visão do mundo como qualquer outro dado novo. E esses dados nunca foram apresentados oficialmente como se fossem, antes de tudo, grandes “explicações” do mundo físico. Seu valor se expressou dentro de – para usar a expressão do biólogo evolucionário e paleontólogo norte-americano Stephen Jay Gould registrada em seu livro *Rocks of Ages* – um “non-overlapping magisteria” (magistérios não coincidentes, ou não superpostos), apresentando uma “abençoadamente simples e inteiramente convencional resolução ao...conflito suposto entre ciência e religião”. Um tal magistério é “um domínio onde uma forma de ensino possui as ferramentas apropriadas para um discurso significativo e limitado...”. O magistério da ciência, segundo Gould, “inclui o domínio empírico: de que o

universo consta (fato) e por que ele funciona dessa forma (teoria). O magistério da religião estende-se a questões do último significado e de valor moral. Esses dois magistérios não coincidem, nem incluem todo inquérito possível...” (GOULD, 1999). Ele acrescenta que a beleza e o campo estético constituiriam ainda mais um magistério, e farei uma breve referência a algo análogo depois.

Então, a fé é ponto de partida sim para a pessoa religiosa, mas fé é bastante universal, e é sobretudo a escolha de testemunhas nas quais se confia que cria diferenças. E sobre isso ateus e pessoas religiosas podem discutir fecundamente. Mas reclamar que a Bíblia e a fé são péssimas fontes de explicação científica é como reclamar que a música de Tom Jobim é inútil para resolver a crise política na Palestina, ou que o sistema operacional Windows ainda não solucionou o problema do aquecimento global. É usar a ferramenta errada.

γ) Literalismo na interpretação de escrituras, ou de dados

Talvez a característica mais reconhecível do fundamentalismo cristão é a sua maneira de entender e usar a Bíblia. Entre as zombarias mais frequentes ao cristianismo estão as alegações de que é um absurdo ter que acreditar em serpentes que falam, em uma criação do universo em seis dias de 24 horas, e em Evangelhos que se contradizem, e assim por diante. Inicialmente, é importante sublinhar que até mesmo os fundamentalistas mais literalistas admitem o caráter metafórico de determinados trechos do texto da Bíblia, bem como suas referências poéticas e o uso de hipérbole (por exemplo, a afirmação “você é o sal da terra” não significa que Jesus estivesse dizendo que os discípulos sejam cloreto de sódio; as múltiplas imagens poéticas dos Salmos não têm que ser interpretadas ao pé da letra; o conselho “se seu olho te ofender, arranque-o da sua cabeça etc.” não deve ser seguido literalmente). Não é isso que o literalismo implica. É claro que esses e outros exemplos são, se assim se pode dizer, “literalmente metafóricos”.

A questão do literalismo bíblico refere-se mais diretamente aos textos chamados “protológicos” e “escatológicos”, ou seja, textos sobre o começo do mundo, do homem, do pecado e da salvação; e textos sobre a consumação, o fim – mais especificamente ainda: os

primeiros capítulos de Gênesis e o último livro da Bíblia, o Apocalipse. A tendência fundamentalista na interpretação dessas partes da Bíblia é de projetar ciência dentro de Gênesis, ou de tentar derivar ciência de Gênesis, e de ler os pormenores dos discursos escatológicos de Jesus e do livro do Apocalipse em termos fenomenicamente históricos. A primeira leitura levou ao caso polêmico do criacionismo em certos cantos do protestantismo norte-americano, gerando desnecessárias tensões e brigas com promotores do ensino da ciência; a segunda levou a tantas interpretações fantásticas de um iminente fim do mundo, ou da aparência em pessoa de um Anticristo, de cálculos do sentido do número 666, e assim por diante.

A tradição pré-fundamentalista, que dominava a leitura da Bíblia no catolicismo e, em grande parte, em igrejas protestantes não fundamentalistas, enfatizou não somente a presença de um sentido literal (que inclui o sentido histórico e também o uso óbvio de metáfora e imagem poética, como nos casos mencionados), mas também de um sentido espiritual, com três variantes: sentido alegórico, tropológico (ou moral) e anagógico (ou escatológico). No cristianismo, essa tradição remonta pelo menos ao Orígenes (séc. III), no judaísmo ao Filão (séc. I), e foi sujeito de uma vasta obra de erudição histórica, de quatro volumes, escrita por Henri de Lubac no séc. XX (LUBAC, 1959). Nem podemos começar a desenvolver a temática complexa e rica sobre a interpretação não fundamentalista e não literalista da Escritura. É claro, diga-se de passagem, que antes do nascimento da ciência moderna, ela não podia ser “tirada” dos textos bíblicos, e que a filosofia do mundo pré-moderno já era, muitas vezes, cheia de simbolismo e assim aberta à aproximação com textos religiosos. Mesmo assim, o físico e teólogo Stanley Jaki já demonstrou não apenas que há uma diferença na finalidade da Bíblia e da ciência, mas que dificilmente podemos imaginar o nascimento e desenvolvimento da ciência moderna em uma cultura sem os ensinamentos teológicos e metafísicos do cristianismo (JAKI, 1989).

Mas coloquemos a pergunta. Será que o literalismo é um perigo apenas para adeptos religiosos e nunca, de forma alguma, para praticantes e entusiastas da ciência? Consideremos o seguinte: os cientistas têm seu objeto, o mundo empírico com todos os seus fenômenos. Ao longo dos séculos, eles procuram interpretar esses dados da maneira cada mais exata e reveladora. Nada mais comum, hoje em dia, do que a aceitação da

necessidade de mudar de paradigmas quando os dados não se encaixam mais numa velha teoria. Ora, os cristãos têm também seus dados (a fé que receberam, os textos da Bíblia, tradições também orais, liturgia, ritos etc.) e fazem também progressos (pelo menos, deveriam fazer) em entender melhor o que têm. Aliás, a riqueza dos fenômenos naturais, os quais a ciência estuda e interpreta, embora diferente, não é necessariamente de maior envergadura, de maior profundidade ou de maior impacto na vida humana do que a riqueza dos fenômenos religiosos.

Não me parece exagerado supor que, no mundo da interpretação de dados empíricos, científicos, possa surgir um literalismo próprio a esse tipo de experiência humana. Não é somente com textos religiosos que a mente humana pode ficar presa nas aparências superficiais e se recusar a penetrar até contextos semânticos mais amplos, mais profundos e mais altos; também com “fatos” provindo da experimentação científica ou de paradigmas queridos, a mente pode se fixar e, como o cachorro, ficar olhando para o dedo apontado de seu mestre e não seguir a direção da intenção contida no gesto. Parece-me que existe pelo menos uma maneira de ler fatos científicos tão ao pé da letra que o cientista pode cair facilmente numa atitude fundamentalista que corresponde a essa categoria de literalismo.

Isso seria qualquer tipo de reducionismo radical que insiste em interpretar o maior em termos do menor, o mais complexo só em termos do mais elementar, e recusar todo “sentido superveniente”. Por exemplo: interpretar a mente e toda a cultura e criatividade dela só em termos da matéria e do cérebro; interpretar todos os fenômenos da vida só em termos da química molecular, ou toda a realidade da química só em termos da física quântica, e assim por diante. Talvez tenha sido notado insuficientemente o parentesco dessas atitudes com o fundamentalismo, ou aqui mais exatamente, o literalismo, religioso.

Outro encaminhamento literalista na mente científica foge um pouco dos limites deste ensaio, mas o menciono só a título de complementação. Expoentes ateus da ciência às vezes admitem que, apesar da sua aversão à religião, possuem uma paixão pela arte ou pela música, mostrando talvez um instinto pela transcendência por outros canais que não os religiosos. Mas a insistência na soberania da ciência como fonte “literalista” de todo conhecimento válido parece, às vezes, impedir que eles aceitem que também lá, no mundo

da imaginação – na literatura, música, pintura, drama etc.– haja mananciais de autêntico conhecimento humano, *não* redutíveis à ciência, mas que colocam em dúvida a exclusividade reivindicada por seu cientificismo.

δ) Uma tendência a medidas radicais, à militância e até terrorismo na busca efetiva dos seus fins

Por fim, há um aspecto mais prático, ou pragmático, do fundamentalismo: a tendência a tomar medidas radicais em cruzadas, *jihads*, bombas suicidas, campanhas de vários tipos, paradas, demonstrações, jejuns de fome etc. Esse traço do fundamentalismo é, antes de tudo, uma consequência dos outros três. Tirados o subjetivismo exagerado na atitude psicológica, o fideísmo epistemológico em avaliar fontes de conhecimento, e o literalismo hermenêutico em interpretar sentido, ficaria com certeza menos radicalidade e militância nas religiões, na divulgação de suas convicções e na implementação de seus programas. Não se pode negar que a religião tenha sido usada frequentemente na história como pretexto para conflito, intolerância e supressão. Nem nego isso por um momento: a religião é realmente perigosa e pode causar muito mal e por vezes o faz. Mas temos que perguntar: é precisamente por serem religiosas que pessoas provocam tantos males, ou talvez simplesmente por serem humanas?

Já a própria vida é perigosa, e amor, dedicação de qualquer tipo, entusiasmo por qualquer ideal, podem igualmente provocar exageros, militância, violência, crueldade, e até terrorismo. Aliás, em termos de milhões de vítimas de crueldade e opressão, o século XX provavelmente não foi superado por nenhum século anterior. E não é segredo que os *gulags*, os genocídios e os campos de concentração não foram fundados em nome de uma igreja. Mas, em um contexto ainda mais imediato, quanta guerra, mentira e tristeza humana foram provocadas pelo amor entre os dois sexos, ou por ambições territoriais? Admitimos isso sem hesitação, mas não culpamos o amor, nem a necessidade de terreno para viver, mas excessos, abusos e desvios. Quando a ciência foi usada pelos nazis para fazer experimentações desumanas com crianças com deficiências mentais, os cientistas dirão – e dirão com acerto – que não é a ciência que deveríamos culpar, mas o abuso dela. Então, quando elencamos os malfeitos religiosos da história, não podemos fazer a pergunta lógica:

É comprovadamente a religião na sua essência, ou o abuso da religião, que é fonte de tantos males?

3 Religião usada e religião abusada

Talvez a maior e mais manifesta das aberrações que fundamentalismo produz (ou uma necessidade que ele cria) – seja ele religioso ou ateu – é o hábito de armar “homens de palha”, ou seja, de criar caricaturas do inimigo. Depois de ter assistido a dúzias de palestras dos ateus famosos já mencionados e ter lido seus livros e seguido seus debates, uma coisa sobretudo me impressionou. Já sabemos o quanto fundamentalistas religiosos parecem desconhecer a ciência e muitas vezes acabam fazendo caricaturas dela. Isso não é novidade. Mas é surpreendente ver o quanto muitos desses novos ateus desconhecem a religião. Tantas vezes, eles, manifestamente, não sabem do que estão falando. Parece que uma definição muito rudimentar, e meio ingênua, da natureza da religião está presente como subtexto das alterações ateias com pessoas religiosas. A religião seria sobretudo *crença*, crença em coisas esquisitas. A pessoa religiosa tem que *crer*, e é contra esse ato irresponsável, esse sacrifício do intelecto perante Bíblias e Corões, papas e pastores, que o ateu militante direciona sua vituperação. Mas é essa realmente a essência da religião?

Sem a pretensão de chegar aqui a uma definição completa ou definitiva da religião, ofereço apenas uma definição que me parece atender a muitas dimensões e diferenças no fato religioso que encontramos no mundo. Em vista da grande diversidade religiosa que chegou à tona ultimamente, o conceito de religião, mesmo legítima e até inevitavelmente pluralizado, mostrar-se-á como conceito altamente analógico e resistente a qualquer delimitação puramente unívoca. A religião é uma tentativa, aceita como de iniciativa *não humana*, de restaurar no ser humano uma transcendência necessitada, mas (por qualquer razão) perdida. Os meios da tentativa articulam-se tipicamente em um tipo de credo (doutrina), de código (moral) e de culto (método, ritual). Por outro lado, sua meta, isto é, o encaminhamento mesmo dessa reconquista da transcendência, constitui a “espiritualidade” da religião.

Nesse sentido, é nas diversas formas possíveis do entendimento da transcendência— como pessoal ou impessoal, como uma plenitude de ser ou um *shunyata* (um vazio), como acósmico ou outro cosmo paralelo – que residem diversas interpretações que distinguem uma tradição da outra. Relações diferentes entre credo, código e culto, bem como destaques e ênfases contrastantes, também marcarão as divisas. Dentro da doutrina, maneiras diferentes de articular protologia (sobre as origens do cosmo, do homem, do mal), soteriologia (sobre a libertação ou salvação) e escatologia (sobre o último fim do ser humano e/ou do cosmo) definirão distinções, bem como diferenças mais visuais entre cultos, ritos e liturgias. Usando essa definição, podemos aceitar a existência de religiões claramente diferentes em suas formulações doutrinárias, nos acentos morais e nos ritos e liturgias, mas compartilhando a busca de uma transcendência perdida.

Entendida assim, a religião é uma realidade valiosa que, como qualquer coisa de alto valor, pode ser alvo de abuso. É ainda mais suscetível de aberrações e abusos precisamente em função do seu valor. “For sweetest things turn sourest by their deeds; Lilies that fester smell far worse than weeds”, ou seja, coisas mais doces viram mais amargas pelos seus atos; lírios apodrecidos fedem pior do que ervas daninhas (Shakespeare, Soneto 94).

Conclusão

Tiro duas conclusões. A primeira é de que o fundamentalismo religioso, como fenômeno destacado, com voz e até poderoso, sendo algo recente, resulta em parte da crise na identidade das religiões em razão do maior conhecimento de outras tradições religiosas, ocasionando uma atitude defensiva e até paranoica; e em parte, resulta de uma crise na interpretação provocada pelos grandes avanços da ciência e tecnologia modernas. Mas é uma deformação, um abuso da religião. Minha segunda conclusão é que atitudes ateias e agnósticas, apoiando-se nos resultados da ciência – mas que se proclamam além dos limites de competência das próprias ciências, e ousam pronunciamentos filosóficos, até metafísicos, sobre assuntos que, metodologicamente, jazem fora do seu campo de pesquisa

– não são menos suscetíveis da degeneração do discurso e geração de antagonismos desnecessários. Não são menos fundamentalistas.

Referências

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**, Companhia das Letras, 2007.

GOULD, Stephen Jay. **Rocks of Ages: Science and Religion in the Fullness of Life**. New York: Ballantine Books, 1999, e "Nonoverlapping Magisteria," *Natural History* 106 (March 1997).

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**, verbete "fundamentalismo", 2009.

JAKI, Stanley. **God and the Cosmologists**, Washington: Gateway, 1989.

LUBAC, Henri de. **Exégèse médiévale**. Les quatre sens de l'écriture. Aubier-Montaigne, 1959.

MERRIAM-Webster's **Online Dictionary**. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary>>. Acesso em: 27 ago. 2010

NEWMAN, J.H. **An Essay on the Development of Christian Doctrine**. London: Longmans, Green, and Co., 1845.

OXFORD **English Dictionary**. 2 ed. London: Oxford University Press, 1989.

STEWART, Milton e Lyman. **Fundamentals: A Testimony to the Truth**. (Ed. original 1910). Ed. R.A. Torrey; Michigan: Baker Books, 2003. 1480 p.